

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E IMAGEM**

FICHA TÉCNICA

Entrevistado: Carlos Alberto Albino de Carvalho

Entrevistadores: Luigi Bonafé e Juliana Magalhães

Levantamento bibliográfico e roteiro: Hebe Mattos

Sumário: Gabriel Dib e Mariana Frota

Data da entrevista: 18/12/2003

Local da entrevista: Praça General Rondon, 25 - São Lourenço -
Niterói/ RJ

Duração: 0:55

Fitas cassete: 01

Transcrição: Gabriel Dib e Mariana Frota

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E IMAGEM

SUMÁRIO

Entrevistado: Carlos Alberto Albino de Carvalho

Fita I - Lado A: Fala da história do Bairro de São Lourenço, ressaltando a importância da igreja local e da festa do padroeiro do bairro. Narra seus 40 anos de vida no bairro, falando com saudades da sua infância e do passado de um modo geral, devido principalmente a percepção do aumento da criminalidade nos dias de hoje. Enfatiza os diversos trabalhos que a igreja local faz com as crianças e com as comunidades carentes, tentando explicar a função da igreja e da religião nos dias de hoje em nossa sociedade.

Lado B: Continua falando sobre como era a vida no bairro antigamente, o carnaval e as festas de São Lourenço e Araribóia. Ressalta as dificuldades enfrentadas antes e durante o trabalho de restauração da igreja e denuncia o descaso das autoridades com o patrimônio histórico nacional e a cultura em geral, exemplificado pelo roubo de objetos valiosos, enquanto a igreja esteve fechada. Fala sobre seus diversos empregos (atual e anteriores), sobre sua família e sua relação com a vizinhança. Destaca a atuação insuficiente da Associação de Moradores na comunidade.

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E IMAGEM**

TRANSCRIÇÃO

Entrevistado: Carlos Alberto Albino de Carvalho

Entrevistadores: Luigi Bonafé e Juliana Magalhães

Data da entrevista: 18/12/2003

Local da entrevista: Praça General Rondon, 25 - São Lourenço -Niterói/RJ

Legendas:

LB - Luigi Bonafé

JM - Juliana Magalhães

CA - Carlos Albino

OBS: As palavras inauditas estão entre colchetes, juntamente àquelas que não foram entendidas na sua totalidade.

FITA I - LADO A:

LB: Então senhor Carlos, vamos começar pelo seu nome, idade...

CA: Meu nome é Carlos Alberto Albino de Carvalho, eu tenho 46 anos, eu nasci aqui e fui morar no Fonseca até os 5 anos de idade, depois retornei p/ cá e estou até hoje aqui.

LB: Então, o senhor mora aqui desde os 6 anos ?

CA: É, seis anos de idade. Há 40 anos estou vivendo aqui.

LB: Qual é sua relação aqui c/ o bairro, atualmente?

CA: É, eu sou coordenador da igreja, responsável pela igreja e nós realizamos muitos trabalhos aqui, a maioria atendimentos a comunidades carentes, né? Nós temos o morro da Boa Vista até mais próximo aqui e nós fazemos campanha de Quilo, arrecadar alimentos... nós temos ... Porque a Igreja é subdividida em várias pastorais e em cada pastoral existe uma pessoa responsável por ela, que faz determinado trabalho junto com outros grupos. É... nós temos missas aos domingos, a partir das 9:30h. As pastorais... você tá algumas delas, as que trabalham muito... todas trabalham, mas tem umas que têm um trabalho mais firme em relação à comunidade que é: os vicentinos que é responsável pela distribuição de alimentos. Isso nós fazemos campanha de quilo, nós temos missa do Quilo no segundo domingo de cada mês, além de alimentos que nós recebemos de fora, de pessoas que doam alimentos, que não residem nem na comunidade. E esses alimentos arrecadados, eles são distribuídos p/ comunidade aqui da Boa Vista, como a daqui também de São Loureço, que são carentes, são pessoas cadastradas aqui na igreja. Isso os vicentinos cuidam. Nós temos a pastoral da criança que cuida aproximadamente de 96 crianças com a idade de 0 a 6 anos e essas crianças são acompanhadas... as mães quando vêm, têm que trazer carteirinha de vacinação. É uma vez por mês que é feito a pesagem dessas crianças, é medido o braço p/ ver se as crianças estão desnutridas. Então tem todo um acompanhamento. Se a criança estiver apresentando alguma doença, alguma coisa, a criança é encaminhada ao posto de saúde, então a pastoral da criança cuida disso. E nós temos o Ministério de música que canta nas missas. Nós estamos agora... a partir de janeiro nós vamos dar início a ensaios p/ apresentação de uma peça teatral que a gente faz sempre na semana da Páscoa, que é sobre a vida de Cristo, desde seu batismo até a ressurreição e isso já virou rotina, porque nós fizemos uma primeira vez... um teste e a coisa foi bem e foi pedido que se desse continuidade. Nós estamos tentando montar, agora, um grupo de teatro dentro da igreja. Então, nós temos n pastorais: Legião de Maria, grupos jovens, que a gente tá criando agora, tem o ministério

da música mirim... então a igreja em si... minha função aqui...é, eu e tem o seu Vicente. Então a função minha e dele na realidade é tentar dar um embasamento melhor a essas crianças, aos mais jovens p/a que dê continuidade ao trabalho que agente não consegue... a gente não realiza nada ainda. Mas a gente procura... nós realizamos encontros de crianças, de jovens, adolescentes que é a E.A e a J.C. E a finalidade desses movimentos dentro da igreja, a função da igreja não importa ela qual seja é na realidade tentar resgatar essas crianças, jovens que estão nas ruas, né? Que não têm nem um pouco de amor... eles até têm amor, só que devido ao desastre que eles sofrem, então eles ficam meio destacados nas ruas, eles são rejeitados pela própria sociedade. Então a função nossa é tentar resgatar esses jovens e crianças p/ dar amor e mostrar Deus p/ eles que é o principal, a base de tudo. Então a finalidade maior é exatamente esta. É passar a palavra de Deus, dar amor, carinho e tentar unir mais o ser humano. Porque o ser humano... hoje em dia você vive... as pessoas estão vivendo mais cada um p/ si, né? Cada um cuidando de si e não é isso que Cristo quer. Quando ele esteve aqui, dos dez mandamentos, ele pediu que você cumprisse dois, já que as pessoas achavam que 10 era difícil, ele pediu que você cumprisse pelo menos dois, que são primordiais. Que é amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao teu próximo como a tia mesmo. E amar ao próximo é complicado, que as pessoas dizem que amam a Deus. Como é que você pode dizer que ama a Deus que você não vê, e você não consegue amar um irmão seu que está pertinho de você, tá do seu lado e você destrata ele, maltrata ele, humilha ele? Muitas das vezes você pode ajudara alguém e você fica omissa a isso e você pode estender a mão... não custa nada estender a mão a quem precisa. Então a função minha e do seu Vicente e de outras pessoas que estão encabeçando aqui na igreja é exatamente isto. É tentar passar um pouco de amor às pessoas, que as pessoas possam sentir e através disso elas possam repassar isso, elas ramificarem esse amor, que só Deus tem esse amor.

LB: O senhor não é padre, não?

CA: Não.

LB: Nem o seu Vicente?

CA: Não, seu Vicente é ministro da eucaristia. E você tem o ministro da eucaristia, você tem o diácono, que é seminarista, ele vai a diácono, aí depois é ordenado padre. Mas você tem hoje na Igreja Católica, o diácono permanente, porque o padre não pode casar pelas doutrinas da Igreja. O

diácono permanente, ele é pessoa que constituiu uma família ou pode constituir uma família, então é permitido a ele. Ele só não tem algumas funções do padre que é a consagração da hóstia,... algumas coisas ele não tem, mas o resto ele faz tudo. Ele faz batismo, casamento, ele realiza várias atividades do padre. É mínima as atividades do padres que ele não pode realizar.

LB: Então só p/ constar. A sua relação com a igreja, você não é [profissional] [inaudível]?

CA: Não, o trabalho que eu faço na igreja é um trabalho voluntário. É um trabalho por amor a Deus, somente isso.

LB: Onde seu pai nasceu?

CA: Meu pai nasceu aqui mesmo. Minha mãe também.

LB: Os avós do senhor, eles eram daqui também ou vieram de fora?

CA: Não, meus avós moravam por aqui, moravam no Fonseca, mas 99% da vida deles, eles tinham concentrado aqui na própria comunidade, aqui no bairro.

LB: Você tem quantos irmãos?

CA: Não tenho irmãos.

LB: E o senhor tem tios, irmãos dos seus pais?

CA: Eu tenho um tio que é irmão da minha mãe e tinha alguns tios por parte do meu pai. Hoje só existe um tio meu que é vivo, o resto tios e tias são falecidos

LB: O senhor pode falar um pouco sobre a trajetória de seus tios, no que eles trabalhavam, onde é que eles moravam aqui em Niterói?

CA: Bom, a maioria residia aqui, esse tio meu que está vivo, ele está morando na São Januário, no Fonseca. O meu tio por parte da minha mãe não . Ele

mora em Icaraí, ele vive em Icaraí . Ele casou-se morou na Marechal Deodoro e hoje ele reside lá em Icaraí.

LB: E o seu pai conheceu a sua mãe como? O senhor sabe da história?

CA: Eles se conheceram pelo que eu sei, eles se conheceram desde novos já, eles já se conheciam desde novos.

LB: E se casaram mais ou menos com que idade, cada um?

CA: Ah, minha mãe era nova. A idade precisa eu não sei, eu acho que minha mãe casou-se, eu acho que ela devia Ter uns vinte anos.

LB: E eles moravam e São Loureço e faziam o que? Qual era a profissão deles?

CA: Não, minha mãe sempre foi do lar, meu pai trabalhava no antigo Lloyd e na época que o Lloyd fechou faltava um tempo p/ ele se aposentar e ele cumpriu esse tempo trabalhando lá no arsenal da Marinha p/ cumprir os cinco anos que ficaram pendentes p/ ele se aposentar.

LB: E os pais da sua mãe eram de Niterói também? Trabalhavam?

CA: Eram... é, minha avó também não trabalhava. Meu avô também trabalhava no Lloyd

LB: E como eles vieram p/ São Loureço? Eles já nasceram aqui?

CA: Pelo que eu sei eles... eu vim p/ cá... eu nasci aqui e fui morar lá, porque meu pai morava na São Januário. Porque quando ele casou com a minha mãe eles foram morar na São Januário. E eu morava lá e o lugar era meio complicado. Porque a São Januário, ela tem um morro que cerca lá no final da São Januário e eu morava no morro. E meu pai tinha um problema renal sério e numa dessas crises que ele teve de problemas renais meu avô foi e pegou eu e minha mãe e trouxe p/a cá e falou que daqui nós não sairíamos mais devido até o problema de saúde que meu pai tinha e lá era meio problemático para que as pessoas o socorressem. Aí nós ficamos... a casa como é muito grande, aí dividiu a casa em duas e nós ficamos morando aqui.

LB: Então quando o senhor nasceu...?

CA: Eu nasci aqui e fui morar... na realidade nasci aqui e fui morar lá, então eu nasci praticamente lá no São Januário.

LB: E por essa época o seu pai trabalhava no arsenal...

CA: Trabalhavam no Lloyd ainda.

LB: Então agora vamos falar da sua infância. O senhor sempre morou naquela casa ali?

CA: Sempre.

LB: Número 25?

CA: É, depois eu casei, aí eu me mudei dal, eu me divorciei e [retornei].

LB: Quem morava com o senhor na casa durante a infância?

CA: Era eu, minha mãe e meu pai. A casa como era subdividida era independente onde eu morava, dos meus avós.

LB: Seus avós e seus pais então?

CA: Por parte da minha mãe, meus avós maternos.

LB: E como era o lazer no bairro quando o senhor era criança?

CA: Ah, antigamente você tinha infância né? Hoje em dia você não vê essas crianças Ter a infância que nós tínhamos, que nós tivemos na época. E aqui, aqui antigamente não tinha iluminação pública. E a gente brincava à noite... devido até hoje em dia, até levando em consideração devido ao perigo que existe nas ruas e tudo, né? Apesar que aqui é um lugar tranquilo. Existe um morro aqui e tudo, mas não existe problema nenhum, o que eles fazem lá é problema deles não é nosso, eles não se envolvem aqui, não se envolvem... não admitem também que envolvam alguma coisa aqui, principalmente em respeito a própria igreja mesmo. Existe um respeito grande, que nós assistimos lá, eles sabem que a ajuda que nós damos lá, pô tem que... não pode ter

bagunça. E tem uma capela lá, nós dia 8 de dezembro agora celebramos a missa de Nossa Senhora da Conceição, então nós damos uma assistência grande lá também. E antigamente a gente brincava muito, existia muitas brincadeiras, era uma infância... uma infância muito saudável em que você pode vivenciar a sua infância. Hoje em dia às vezes eu fico olhando essas crianças aí, quer rodar um pião não tem nem terra p/ eles rodarem um pião, quer jogar uma bola de gude não tem, tem que ficar jogando no meio de gramado, no meio de cimento. Eu lembro que minhas filhas eram pequenas eu fiz uma ...duas latas de leite ninho, eu amarrei um barbante p/ você andar tipo salto alto ...Pô não sabia nem o que era aquilo! Eu falei “Caramba, o que que é isso?!” Que hoje em dia as pessoas estão muito informatizadas, tão muito voltadas p/ desenhos, computador, então as pessoas estão muito centralizadas nisso, e está deixando de passar as coisas básicas, que é uma infância bem vivida. A criança hoje não vive... vive sim, mas não tem uma infância saudável como tinha antigamente, foi o que eu falei, devido até a própria periculosidade que existe nas ruas, a criminalidade, hoje em dia p/ você sair à noite tá complicado isso.

LB: E a relação da sua família com os vizinhos?

CA: Eu sempre fui morador... se você chegar lá no início da [inaudível] perguntar, porque o apelido do meu pai era alemão, perguntar aonde que fica a casa de alemão, ele já é falecido, mas todo mundo indica.

LB: E escola, o senhor estudava aonde? Tinha escola aqui perto?

CA: Eu estudei, eu estudei no José Bonifácio, escola pública, que tem aqui na Maximiniano, aí fiz o primário, né? Aí depois fui fazer o ginásio aonde é o Tio Sam hoje, ali tinha um colégio Nilo Peçanha, eu estudei ali. Antigamente existia admissão que você tinha que tirar, que era uma base que te dava p/fazer o segundo grau. Hoje não tem mais. E depois eu fui fazer, estudar no segundo grau eu fiz num colégio que ao mesmo tempo era cursinho pré-vestibular é ... Paladino Amaral.

LB: E o seu pai continuou trabalhando no Lloyd?

CA: Ele continuou.

LB: [inaudível]

CA: Isso. [inaudível]

LB: E o senhor tem alguma lembrança, sua família conta alguma história da festa de São Loureço na época que o senhor era pequeno?

CA: Ah, festa aqui... Até uns anos atrás a festa aqui sempre deu... A festa aqui dá bastante gente, mas a festa aqui ... Ah, por exemplo a procissão era uma coisa que era muita gente, que participava aqui.

LB: A procissão do dia 22/11 também ?

CA: Não, não. 22 não tem nada a ver uma coisa com a outra. 22/11 é Araribóia, aniversário da cidade. São Loureço é 10/08.

LB: 10/08?

CA: A festa aqui é ... se dia 10/08 cai num dia de semana nós normalmente fazemos no... ou no final de semana anterior ou posterior, porque tem a matriz lá embaixo... Então nós temos que conciliar datas, porque o pároco é um só. Então não tem como fazer festa no mesmo dia.

LB: Como é o nome do pároco?

CA: Padre Lídio.

LB: E essa procissão então é no 10/08 ou no fim de semana próximo?

CA: Não. Se for... se cair no fim de semana [inaudível] festa. A procissão, ela não é realizada nem sempre no dia do padroeiro... no dia do padroeiro com certeza existe a missa solene . Se for de Segunda, Terça, Quarta, Quinta, Sexta, Sábado, não importa , existe uma missa solene do padroeiro. E a festa aqui é muita gente . E antigamente, isso quando criança, eu lembro que a festa aqui, a praça ficava repleta de pessoas, existia muito mais devoção com relação ao padroeiro... Que as pessoas [este ano] estão meio afastadas de igreja, de religião devido até ao dia –a –dia agitado que as pessoas vivem, às vezes as pessoas não tem nem tempo de rezar. Eu [tiro] isso até por mim. Às vezes eu me questiono porque eu não tirei tempo p/ rezar porque devido a agitação ... ontem mesmo eu estava falando com um amigo, falei: “Pô, o dia p/

mim hoje, tem que ser 40 horas no mínimo porque não tá dando” Até p/ conversar c/ vocês, eu só vim aqui hoje porque eu tinha que falar c/ vocês, porque eu não deveria... eu não poderia vir. Tem dia que eu fico aqui preso no [inaudível] , ontem mesmo foi um dia. Eu tive problemas lá com o pessoal da Embratel, que eu trabalho em informática e a gente tá mudando o sistema lá. E a gente trabalha com fibra ótica, essas coisas. Eu nem vim p/ casa, eu tinha que vir p/ resolver uma outra coisa, colégio da minha filha, eu tinha que resolver, então devido até a isso as pessoas...

JM: O senhor tem quantas filhas?

CA: Duas filhas.

LB: Antes só uma pergunta, a festa de São Loureço, que o senhor diz que é cheia, é gente só da comunidade...?

CA: Não, nós colocamos prospectos espalhados, faixas... Porque a festa, ela já deu muito mais pessoas. Que nós realizávamos aqui, queima de fogos, então a atração maior era isso. Era queima de fogos, era tudo... e aqui como aqui você tem uma visão panorâmica, as pessoas lá de baixo quando sabiam que tinha festa, as pessoas já ficavam esperando no Domingo no final da festa p/ Ter a queima de fogos. Só que devido a custos, essas coisas toda, não tem mais recurso, então ficou a festa só em si. Nós andamos fazendo festa durante o dia, diurno, não tava fazendo noturno, esse ano nós voltamos a fazer noturno, fomos atrapalhados, por causa da chuva, mas a festa ia dar muita gente. Então a festa agora é noturna e a gente tá voltando a fazer divulgação grande também, mas a festa aqui c/ certeza enche. A procissão que não tem dado tanta gente, na procissão...

LB: E quando o senhor era criança já tinha fogos assim ou é posterior?

CA: Tinha ... De um tempo começou a Ter que...quando o seu Américo, ele que cuidava da parte de festa, seu Américo é um senhor já. Ele é vivo ainda , ele que ...

LB: Era voluntário que nem o senhor?

CA: Era. Era um trabalho voluntário. Tinha a dona Carmen que foi zeladora anos aqui, deu a vida dela aqui pela igreja também. A dona Carmen, ela

sempre cuidou das coisas da igreja com amor e carinho, seu Américo também... sempre cuidou...

LB: Ainda falando de quando o senhor era criança. Como é que era o uso que a comunidade fazia da igrejinha? Como é que conservava nessa época além da festa de São Loureço?

CA: Ah, quando chegava o período de festa assim, era uma verdadeira festa né? Porque eu lembro que eu era criança, eu e as outras crianças, a gente encerava..., que aqui antes era um piso vermelhão. Pô a gente vibrava com isso! Ter que encerar, limpar santo... era uma verdadeira festa, né? As pessoas se emocionavam se empolgavam de estar realizando a festa... Era um agito total...

LB: E a sua família conta alguma história do tempo do aldeamento aqui?

CA: Não, não, quanto a isso não.

LB: E o senhor lembra de alguma coisa do carnaval quando o senhor era criança?

CA: Do carnaval? Ah, eu lembro que o meu pai era carnavalesco à beça

LB: Como é que é o nome do seu pai mesmo?

CA: É Zolmiro o nome dele, mas o pessoal conhece ele como alemão.

JM: [Inaudível].

CA: É, meu pai, ele falava... que meu pai ele saia no... tinha um bloco deles, não sei se era da costeira, eu não sei, que eles saiam, saiam fantasiados mesmo, então ele... minha mãe fala que ele se acabava no carnaval, mesmo depois de casado, eu era criança, ele adorava mesmo porque antigamente eles... na época deles, eles falavam mesmo que o carnaval antigamente as pessoas iam p/ ruas p/ brincar p/ se divertir. Hoje em dia as pessoas vão p/ ruas p/ se vingar um dos outros, as pessoas acumulam aquilo o ano inteiro e chega no carnaval bota uma máscara em cima p/ fazer besteira na rua. E ele contava, ele falava muito isso p/ mim que antigamente eles se divertiam mesmo. Minha mãe fala até hoje que meu pai fantasiava c/ aquelas roupas,

roupas meio luxuosas, aquelas coisas toda..., saía em bloco e as ruas ficavam cheias de pessoas p/ assistir, as pessoas gostavam quando era o bloco deles. Então era uma coisa bem saudável, isso ele fala sempre...ele falava sempre.

LB: E quando o senhor era criança ainda, o dia de Araribóia , como é que era a relação da comunidade c/ as comemorações da prefeitura? O senhor lembra de alguma coisa desse tempo?

CA: É uma coisa que é preservada até hoje, existe a missa, a missa é celebrada pelo arcebispo da cidade né? É colocado uma coroa ali no [busto] de Araribóia. Esse busto de Araribóia [inaudível] era que ficava lá nas barcas, quando foi colocado de lá, essa veio p/ cá e é a missa mesmo, não tem mais nada além do que isso.

LB: O senhor tem alguma lembrança dessa missa quando o senhor era criança?

CA: Não, quando eu era criança não . Eu sei que a praça fica cheia. A comunidade em si nessa missa festiva não participa muito. Ela fica um pouco omissa, não sei se é por receio, não sei o que que é, porque é muitos políticos é ... 90%, 99% são pessoas que vêm de fora, não são pessoas que convivem aqui, é pessoas de fora porque como é uma missa festiva, o prefeito traz presente, aí vêm o presidente da câmara, os secretariados todo, vereador, vêm tudo p/ cá, né?

LB: E a comunidade não se envolve muito?

CA: A comunidade não se envolve muito, ela prefere ficar até um pouco omissa com relação a isso. Não sei se é inibição o que que é mas elas não têm o hábito de participar, não.

LB: Então vamos pegar o tempo do senhor jovem passando a vida adulta. O senhor morava na mesma casa?

CA: O tempo todo.

LB: Teve alguma mudança nos moradores da casa? Alguém que veio morara com vocês, ou que morava e saiu?

CA: Não. Só o meu tio quando eu era criança, quando eu vim morar aqui, mas aí ele casou-se, né? Ele se formou, casou-se e foi morar na Marechal Deodoro ... só ele, os demais não.

LB: E o que o senhor tem de lembrança marcante das mudanças aqui no bairro e na cidade, mesmo a ponte...?

CA: Ah, houve uma mudança grande. Aqui, o que eu te falei. Eu era criança, nós brincávamos aqui, não tinha iluminação, depois foi colocada iluminação...

LB: Você lembra mais ou menos em que época, assim por alto?

CA: Ah, a gente brincava muito de criança, a gente corria esse morro todo aí, hoje em dia você já fica meio receoso, embora não tenha problema... você fica meio receoso. Aqui na praça não tinha... era tudo de paralelepípedo, foi calçado. As ruas aqui eram de paralelepípedo, aquela ladeira ali era escadaria, foi feito...foi cimentado... Então houve um calçamento, houve um progresso... e na cidade em si houve...

LB: Isso o senhor tá falando de que época mais ou menos, anos 70...?

CA: Anos 70? É por aí

LB: E escola o senhor já falou né? José Bonifácio, Nilo Peçanha e o colégio pré-vestibular...

CA: É faculdade, faculdade eu fiz no Rio

LB: Qual faculdade?

CA: Eu fiz Celso Lisboa

LB: E o senhor é formado...

CA: Eu sou formado em administração e vou terminar análise de sistema, eu sou analista...

LB: Analista de Sistema?

CA: Ahã.

LB: É... o senhor começou a trabalhar já durante a adolescência?

CA: Eu trabalhei com... eu tinha dezenove anos.

LB: Dezenove anos. O senhor trabalhava em que?

CA: Eu fui... eu trabalhei como boy no Bradesco; primeiro emprego.

LB: Aqui em Niterói?

CA: Não, em Botafogo. É ralação pura!

LB: Tá [risos]. É... e como é que era ainda nessa época da sua adolescência, final da juventude, a relação com os vizinhos e os moradores?

CA: Não! [Quer saber], nós sempre tivemos um relacionamento excelente com os vizinhos!

LB: E lazer, nessa época?

CA: Ah, tinha! Lazer é o que eu falei: era futebol, a gente jogava ali na praça, no asfalto. Aqui do lado da igreja não era gramado, não era nada; era terra. A gente botava tela dos lados, tinha campeonato, futebol, cafifa. Até hoje eu solto cafifa, pipa... pô, eu adoro isso!

LB: [risos] Pipa?

CA: É. No Rio é pipa, aqui é cafifa mesmo! É morcego, pião, arraia... lá é só cortadeira!

LB: O senhor lembra alguma coisa lá de Icaraí? Do trampolim na praia?

CA: É, eu não saía de lá, pô! Dali da pedra, ali das flechas. Ficava pulando lá, a gente ia pra lá de farra, pulava lá...

LB: O senhor freqüentava os cinemas ali da região?

CA: Freqüentava. Cinemas, bailes...

LB: Tá. Tem algum cinema ou algum baile mais marcante na sua memória?

CA: A gente ia muito, era pro antigo Niteroiense que tinha aqui. Aqui na... perto da prefeitura nova.

LB: Tá.

CA: E futebol que a gente jogava em tudo quanto era lugar!

LB: Como é que era a sua relação com seus pais durante a adolescência?

CA: Sempre foi maravilhosa!

LB: É... o senhor começou a namorar a sua esposa nessa época?

CA: Eu comecei a namorar, eu tinha dezoito ou dezenove anos.

LB: Ela era moradora de São Lourenço? Vocês também já se conheciam?

CA: Já. Aí eu casei com vinte... eu casei novo, casei com vinte e três anos.

LB: E ela tinha na época?

CA: Não. Quando nós casamos?!

LB: É. Ela tinha quantos anos?

CA: Ela tinha vinte e quatro, vinte e cinco. Ela era muito mais velha do que eu na época.

LB: Certo. É... a Festa de São Lourenço, durante a sua juventude, tem alguma lembrança diferente do que você já falou?

CA: É, antigamen... hoje não tem. Antigamente, o que é diferente hoje... é que antigamente você tinha - e em muitas festas do interior ainda tem isso - é leilão... as pessoas com aquelas quermesses todas, que as pessoas fazem. Hoje em dia festa mesmo de rua, tem que botar show e vender comida! Hoje em dia você não bota barraca de brincadeira pras crian... a brincadeira que você coloca mais aí, que ainda traz criança, é pescaria que as pessoas e as crianças

gostam. Mas o demais... qualquer festa - eu vou à festa de rua aí, Itaipu, Jurujuba, tudo - só comida! Você não vê uma barraca de brincadeira pra criança, só. É o que vende, né! É o consumo hoje, né, comida, né.

LB: E o senhor lembra a relação da comunidade e a conservação da igreja? O senhor falou que, quando criança, vinha todo mundo lá [inaudível].

CA: Ah, vem!

LB: Depois...

CA: Essa igreja, ela ficou fechada - na época eu era... pra adolescente. A igreja ficou fechada uns dois anos. Até as pessoas contam isso mesmo. Eu não sei o motivo, por quê que ela ficou fechada dois anos, essa igreja; ficou fechada. Ficou de portas fechadas durante dois anos.

JM: Em qual ano?

CA: Ah, eu não lembro! O ano eu não lembro.

LB: O senhor tava... adolescente, né?

CA: É. Você não pensa nisso!

LB: Perfeito. É... e o carnaval...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

FITA I - LADO B:

CA: Saía daqui, ia até a Amaral Peixoto... Eu falei: carnaval, na minha época de juventude, você ainda se divertia na rua; hoje em dia não existe mais carnaval de rua. Então, a gente se divertia muito! À noite a gente ia pros clubes, era diversão mesmo!

LB: Nos clubes aqui próximos ou lá de Icaraí, que o senhor freqüentava o carnaval?

CA: Ah, eu ia pro [CCERJ] no Barreto, Fonseca; não tinha paradeiro não.

LB: Tá.

CA: Você não tem paradeiro não! Onde tem um barulho, você fica no meio!

LB: Tá certo. E o dia de Araribóia, quando o senhor era já jovem, adolescente, mudou alguma coisa?

CA: É o que eu falei, não mudou nada não; é a mesma coisa. É a tradição, eles seguem aquele ritual ali... Ficou uma época que não houve missa aqui. Depois retornou a missa.

LB: O senhor lembra mais ou menos que época? Mais ou menos a década, assim?

CA: Ah, deve ter o que? Foi na década de oitenta, por aí... Ficou, mas não ficou muito tempo não; deve ter ficado uns dois anos ou três sem missa aqui. Depois retornou.

LB: E a comunidade sempre ficou afastada dessa missa ou teve um tempo em que participava mais?

CA: Não, a comunidade nunca esteve... Algumas pessoas têm, como até hoje, né! Gente que tá dentro da igreja e tá [inaudível], você tem que estar presente, né. Porque aí não tem como, né! Você tem que estar presente também, você tem que estar também para cobrar algumas coisas. Porque hoje a igreja foi reformada e restaurada, mas existem umas pendências ainda, que precisam ser cobradas do prefeito, isso.

LB: Por exemplo?

CA: A iluminação na parte interna da igreja, nós estamos com um mês de iluminação! Têm queimado várias lâmpadas. Por quê? Porque nós temos uma cabine lá fora, lá na ponta que... que todos os relógios das residências, aqui em volta da igreja, vão passar pra lá, vão ser retirados. Esses fios aéreos que estão aqui têm que sair. Então... inclusive a igreja não tem relógio; é paga uma taxa de consumo ao IPHAN. Porque não foi feito isso ainda e isso já vai fazer três anos. Tem um poste aqui arriado no chão, porque precisa retirar os relógios

das residências em volta da igreja pra passar pra lá, pra que esse poste possa subir. Porque aonde ele vai ser colocado, onde tá o cimentado é debaixo da fiação. E até agora nada! E eu cobro da, das autoridades e dizem que já foi pago até o serviço. Mas se foi pago, por que é que não realizam? E a gente tem problema, de quem e de que... Ali tem um pequeno museu, ali. Não sei se vocês já viram, se vocês já olharam ali.

LB: Não, no dia que a gente veio não tava aberto.

CA: Então... Que foi um trabalho arqueológico, que foi feito na reforma e na restauração. As lâmpadas estão apagadas, mas estão apagadas porque, devido ao problema de iluminação que nós estamos aqui; queimando lâmpadas... E ali não está acendendo. Então, tem que ser revista a parte de iluminação interna e inaugurar a iluminação externa... que tem uns postes ali que não foram baratos, foram muito caros e que estão ali um elefante branco, né.

LB: Certo. O senhor falou uma coisa, deixa eu logo perguntar: a restauração da igreja, quando é que foi?

CA: Tem dois anos. Foi no Brasil 500 Anos. Que isso aí é uma briga que a gente já vem tendo há anos! Briga com o prefeito, todo mundo, botar em jornal... Ai, é uma brigalhada que nós tivemos, grande. E quando veio o Brasil 500 Anos, eu era a chance que você tinha de reformar e de restaurar a igreja, porque a igreja tava caindo aos pedaços. O altar ali tava desmoronando já!

LB: Esse altar é o mais antigo do Brasil.

CA: É, existe um problema muito sério, né, nem só em Niterói. É no Brasil inteiro: a cultura não é muito valorizada não, né. Se é na Europa ou na América, as pessoas investem nisso! E no Brasil, não sei por quê, não existe incentivo à cultura. Eu brigo com o pessoal da NELTUR e tudo. Com o pessoal que é responsável, o Cláudio Valério que é responsável pela igreja aqui, que é o presidente do IPHAN. E eu questiono muito ele e não é nem culpa dele, porque também por ele é uma divulgação. Mas... política é um problema sério, né! Aqui é meio difícil de acesso, porque não é um lugar muito visível. Então, político gosta de aparecer e como aqui não é um lugar muito... que chame muita atenção, então o investimento é meio, meio pra baixo, né. Então quando veio o Brasil 500 Anos foi a hora de... de criar problema. Aí eu comecei a criar problema, porque aí vinha a festa de

Araribóia, que é dia 22 de novembro. E eu liguei pro pessoal, porque ele... chegou a pessoa responsável pelo cerimonial e veio aqui, pra querer fazer - eles chamam de maquiagem -querer dar uma, na realidade dar uma guaribada, né. É igual a carro velho, né! E eu falei pra ele: guaribada vocês não vão dar, porque eu não vou entregar a chave da igreja a vocês. Eu vou trabalhar e a chave vai comigo. Guaribada vocês não dão mais aqui; ou vai deixar a igreja do jeito que está, ou vocês vão ter que tomar uma providência. Porque a igreja estava caindo! Chovia, chovia mais dentro da igreja do que fora, que é impressionante! Era, pô, eu tava assistindo missa, cheio de baldes dentro da igreja, pano... Hoje molha, mas molha por culpa não do IPHAN nem da prefeitura, por culpa do patrimônio histórico. Porque isso aqui é patri... a igreja é patrimônio federal. E por incrível que pareça, essa igreja em 1932 ou '34... o bispo da época vendeu essa igreja pra prefeitura.

LB: Trinta e quatro.

CA: Ela foi vendida pra prefeitura! Então ela é administrada pela prefeitura, porém é patrimônio federal. E o Cláudio Valério brigou muito com o patrimônio histórico pra colocar uma manta de impermeabilização na nave da igreja e forrá-la. Só que eles falaram que ia descaracterizar, mas não ia descaracterizar nada! Ia descaracterizar a cara deles, poxa, que eles não tão aqui convivendo com o problema! Aí é muito fácil. Por que é que eles permitiram que botasse o forro na sacristia dois que é ali, o altar tem forro, aqui na sacristia tem forro e ali na nave da igreja? Não descaracterizou nada, isso aí! Aí o que acontece? Se tem uma chuva muito forte de vento, ela molha. Se vocês repararem lá na nave da igreja, a parede tá escorrida. Então, aí, não foi culpa dele. Mas nós brigamos, aí eu falei que eu não ia. Aí o Jorge Roberto, prefeito na época, ele foi e mandou o Cláudio vir aqui. O Cláudio conversou e ele já havia autorizado restaurar a igreja. Aí veio verba de Brasília pra reformar... o [doutor] Saturnino Braga [inaudível], conseguiu verba de Brasília, junto com... a prefeitura entrou com uma parte e... Brasília trouxe uma outra parte. E foi reformada, restaurada, existem algumas coisas pendentes ainda, que a gente tá tentando ver... As tocheiras tavam ali, muitos objetos sumiram da igreja na época, já tem muitos anos isso. Esses objetos daqui da igreja... É... ficou fechada dois anos e depois sumiram objetos. Ninguém sabe aonde foi parar, eu era criança. Eu soube depois que havia sumido; eram objetos de prata, de ouro e tudo, e ninguém consegue identificar. E não vai achar mais nunca isso! Algum coleção... na casa de algum colecionador tá isso aí.

LB: Aquela placa ali na frente do IPHAN é dessa reforma?

CA: Foi quando restaurou a igreja. Só o altar levou oito meses para ser restaurado! É, porque foi doutor Domingos, um... um profissional muito gabaritado - ele é argentino, a empresa dele é em São Paulo. Ele montou um pequeno laboratório aqui, porque aí... porque o altar é encostado na parede. Ele recuou, ele afastou o altar da parede por causa de fungos e umidade. Ali, atrás do altar existe um exaustor, um ventilador ali pra não... pra circular o ar. E ele montou um laboratório aqui, que ele fez... ele pegou fungos, traças, essas coisas todas. E ele foi vendo qual o material que iria ser aplicado pra proteger contra isso. Aí, a partir daí, que foi... começou... pô, muito trabalhoso, mas muito; levou oito meses pra restaurar esse altar!

LB: Bom, é... Então, vamos voltar pro trabalho. O senhor trabalhava no Bradesco, lá em Botafogo e depois disso?

CA: Aí, eu trabalhei no Bradesco. Aí, eu fui trabalhar na BRJ, que era um banco. Hoje só tem crédito.

LB: BRJ, é isso?

CA: BRJ. Aí, eu saí e fui trabalhar no centro da cidade. E eu já estava fazendo faculdade na época, na [inaudível]. Aí, dali eu fui gerenciar a agência em Copacabana. Eu trabalhei em Copacabana... Eu trabalhei no Bradesco há quatro anos. Aí, fui gerenciar uma agência em Copacabana. Aí, fiquei uns três meses a quatro só. Aí, a agência do Alcântara estava com problema - que eu trabalhava na área de gerente administrativo operacional. Aí, tava tendo um problema com o gerente lá. Aí, eles demitiram o gerente e eu fui transferido pra lá, pro Alcântara. Aí, trabalhei um tempo no Alcântara, acho que um ano e pouco ou dois. Aí, fui resolver problemas em São Gonçalo; começou a dar problema também. Aí, eu fui gerenciar em São Gonçalo. Aí, eu fiquei em São Gonçalo e depois saí. Aí, hoje eu trabalho na, no Moinho Atlântica, da J. Macedo. Tem nada a ver com o que eu fazia, eu trabalhava em gerência bancária, né.

LB: Hoje o senhor é [inaudível].

CA: [inaudível].

LB: É... certo. O senhor trabalha lá há quanto tempo, mais ou menos?

CA: No Moinho?

LB: É.

CA: Eu tenho... tem dezoito anos.

LB: É... quando é que o senhor se casou, mais ou menos? O senhor me falou que tinha vinte e...

CA: Em oitenta.

LB: Oitenta, certo. É... e a sua mulher, ela morava em São Lourenço ou... Os pais dela vieram de onde?

CA: Ela mora ainda. O pai dela é falecido; o pai dela era português.

LB: Português. E veio pro Brasil, o senhor sabe em que época?

CA: Ah, não sei.

LB: Tá.

CA: Ele veio novinho, veio rapazinho pra cá.

LB: Ele veio direto pra São Lourenço?

CA: Não, ele não morava aqui não. Quando ele conheceu minha ex-sogra, é que ele casou-se, foi morar aonde que ela mora; ela mora ainda lá.

LB: Ah, tá.

CA: Ele construiu a casa e tal, e foi morar lá.

LB: É... os seus filhos hoje têm quantos anos? São duas filhas.

CA: Tem uma com vinte e outra com dezesseis; faz dezessete agora, sábado.

LB: É... aí, o senhor se divorciou e veio... voltou pra cá. O senhor tinha ido pro Fonseca e voltou pra cá.

CA: Não, não. Eu quando divorciei, eu já morava aqui. Minha esposa foi pra casa da mãe dela e minhas filhas moram comigo.

LB: Ah, sim.

CA: Minhas filhas quiseram continuar comigo.

LB: Ah, o Fonseca é sua infância então.

CA: Não, Fonseca é quando eu era criança.

LB: Tá. Quando o senhor casou então, o senhor continuou morando em São Lourenço?

CA: Isso. Mas eu não morava aqui nessa casa; eu morava... mas é próximo daqui... mas pertence a São Lourenço.

LB: Tá. É... e aí, as suas filhas até hoje... nenhuma saiu de casa, então?

CA: Não.

LB: Nenhuma das duas se casaram?

CA: Não.

LB: Tá. É... o senhor sabe falar um pouco pra gente das mudanças do, no... aqui em São Lourenço, na cidade... mais recentes? Depois da ponte, alguma mudança significativa?

CA: Aqui no bairro não houve. O que houve é... o que teve já está aí. Na cidade... a cidade hoje ela... Agora, por exemplo, no Natal, essas coisas todas... tá tendo problema até de camelô lá embaixo. Mas a cidade, Niterói, ela ficou mais limpa. Niterói era um problema sério! Você pra andar ali na, nas barcas, ali onde tem as barcas, na Rio Branco... você tinha que andar no meio da rua, que era uma imundície só! Hoje, a cidade é mais limpa. Ela é bem mais limpa, muito mais urbanizada, mais iluminada. Então foi feito um

trabalho de urbanização. Você tem a região oceânica, que houve um investimento grande pra lá. Houve muito progresso em Niterói, tanto que é verdade que muita gente do Rio veio residir aqui. Principalmente a região oceânica, ela é habitada mais até por pessoas que vieram do Rio, os próprios moradores antigos de Niterói.

LB: E aqui em São Lourenço ficou mais ou menos a mesma coisa.

CA: Não, porque aqui, por exemplo, em termos de moradia, os moradores que existem aqui são moradores antigos. Tanto que você não vê casa aqui... é muito difícil você ver uma casa pra alugar ou vender. São tudo proprietários, 99% dos moradores aqui são proprietários antigos!

LB: E o que o senhor acha que a ponte causou aqui? O que o senhor acha que alterou em Niterói com a ponte? Acha que piorou ou melhorou?

CA: Ah, houve um... Não, piorar, não piorou não, pelo contrário! A ponte, ela fez uma ligação... até uma discriminação que existia, uma briga que existia de Rio e Niterói, né. Até uniu isso, houve uma união, né. Agora, só que a ponte já está insuportável, né... um caos também, né.

LB: Tá. Então, deixa eu perguntar: hoje é... ou mais recentemente (não precisa ser atual), como é que é a sua relação aqui com o bairro, com os vizinhos? Tem lazer aqui hoje, atualmente... o senhor já adulto?

CA: Não. Lazer... as crianças jogam futebol, jogam aqui do lado da igreja. É... o meu relacionamento com os vizinhos sempre foi o melhor possível, nunca tive problema. Primeiro que eu tô de frente numa igreja, não posso... tem nem como. Tem nem como, né!

LB: E como é que é o transporte aqui? O senhor vai... se locomove pro trabalho; é longe, é perto?

CA: Não. Daqui pro meu trabalho eu vou a pé, quinze minutos. Eu vou de carro, quando eu tenho necessidade de ir ao centro e resolver alguma coisa.

LB: Seus colegas de trabalho são daqui também, da região?

CA: Ah, tem uns que são do Rio...é diverso, aí não tem... Tem gente que vem de São Paulo, tem gente que vem do Sul, transferido, porque ali não é só aquele moinho. São vários moinhos espalhados pelo Brasil.

LB: A sua relação com os colegas de trabalho então... são ali...

CA: A melhor possível.

LB: Mas são ali no trabalho. Não é relação de... fora do trabalho vocês não são vizinhos...

CA: Ah, um... não, não. Não, tem, tenho colegas que moram aqui perto também. A gente se conhece desde criança; isso eu tenho. E tem pessoas que convivem comigo - até fora, extra-empresa - que são amizades que você... qualquer ambiente de trabalho, você cria amizades externas; você não consegue conciliar com todo mundo.

LB: E a educação das suas filhas. Elas estudaram aonde, até hoje? Como é que foi?

CA: Ó, a mais velha faz faculdade, faz faculdade na Estácio; ela estudou no São Vicente de Paula.

LB: A vida inteira?

CA: Não, ela estudou aqui no Ponto CRM, no Santa Cecília. E depois ela estudou numa escola ali na [Zona/Vila] da Cruz e depois eu coloquei ela no São Vicente. A menor já estudou no Santa Cecília e depois já foi direto pro São Vicente.

LB: Certo.

CA: Hoje ela estuda no Assunção, em São Francisco... a menor, a mais velha faz faculdade na Estácio.

LB: Tá. A menor tá hoje no segundo grau.

CA: Tá no segundo grau.

LB: É... Bom, então vamos falar da igreja hoje... o que o senhor lembrar, que não falou ainda, antes. Como é que é a relação da comunidade com a igreja hoje, tirando a Festa de São Lourenço e o Dia de Araribóia, essas coisas?

CA: Ah, não... A comunidade, nas missas e tudo, nas coisas que a gente realiza aqui, a gente pede ajuda à comunidade; ela é participativa, ela é muito participativa, a comunidade. Porque aqui, é... as pessoas são muito devota do padroeiro, né. Existe uma devoção muito grande das pessoas, até pessoas que vêm de fora são devotas do padroeiro mesmo. Então, as pessoas se dedicam; quando há necessidade, quando precisa as pessoas se dedicam.

LB: E as pessoas... aqui a igreja funciona mais ou menos como um lugar, onde as pessoas se reúnem ou tem outro espaço também que...

CA: Tem a Associação de Moradores ali em frente.

LB: E ali é um lugar em que a comunidade se reúne com frequência?

CA: Ah, o pessoal usa a Associação quando tem festa, alguma coisa. A igreja, ela... a gente se reúne pra resolver os problemas da igreja, né, em termos de comunidade, de trabalhos dentro da igreja. A comunidade não se reúne aqui pra resolver problemas.

LB: Mas a igreja fica fechada durante a semana?

CA: Fica. Isso aí é outra coisa, rapaz! Eu já pedi ao secretário de cultura, o Marcos, e... estava tendo guarda aqui. Só que, não sei por quê, não sei se é por causa do final do ano, de repente o guarda não veio mais. Porque tem que ter um guarda aqui, pelo menos na parte da manhã. A princípio, nós havíamos solicitado... seria 24 horas. Aí, depois ficou combinado que seria de oito às cinco da tarde. Porque tendo um guarda aqui, a igreja pode ficar aberta. Porque eu trabalho... tem a dona Dodora - que é a senhora que cuida aqui da igreja também - mas ela tem as coisas dela, já é uma pessoa idosa, já fica meio problemático. E eu cobro também da secretaria de cultura dois monitores. Porque a igreja no segundo semestre... a procura é muito grande. No primeiro semestre, há procura de visitação, mas não com tanta intensidade quanto no segundo semestre, devido até à festa do padroeiro, festa de Araribóia, essas coisas de Araribóia. Então a procura é grande; são muitas escolas que vêm,

vêm faculdades aqui, vêm muitas faculdades, o pessoal da UFF vem bastante aqui também.

LB: Pra visitar a igreja?

CA: Pra visitação. O pessoal de História, né, vem muito aqui fazer visitação, o pessoal de Arquitetura... às vezes o pessoal vem, vem. No segundo semestre é muito mais visitado. Então a gente cobra e ficou até acertado que a NELTUR iria designar duas pessoas pra terem treinamento e que viriam ficar aqui. Que aí você tem como fazer até... eu tenho um projeto de fazer uma divulgação grande nas escolas. Mas eu não... eu tô travado, atrelado a isso, porque... tô preso a isso, porque eu não posso fazer, porque não tem como a igreja tá aberta pra alguém pra receber e passar informações! Eu não tenho, então fica complicado.

LB: Tá. E tem muito turista aqui, tirando o pessoal de escola e da UFF?

CA: Vem, vem bastante. Às vezes, durante a missa vem o pessoal do SESC; o SESC traz muita gente aqui. Tem gente do Rio à beça, pessoas... muita gente do Rio que vem pra cá.

LB: Sei. E qual é a participação da comunidade lá na igreja, lá de baixo?

CA: Lá na matriz?

LB: Isso.

CA: Não. O pessoal é mais concentrado aqui; o pessoal vai às vezes à missa lá e tudo, mas em termos de participação lá na igreja, o pessoal participa mais aqui.

LB: Tá certo. É... a organização da Festa de São Lourenço hoje é aquilo que o senhor falou mesmo, não é diferente de quando...

CA: Não.

LB: A comunidade ainda participa maciçamente e tal.

CA: Isso.

LB: Tá. E atualmente o carnaval... o senhor sabe dizer como é? Suas filhas falam alguma coisa?

CA: Ah, não porque a gente viaja. Eu não... aqui eu não participo do carnaval, aqui em Niterói. Eu viajo exatamente por causa do perigo e essas coisas todas.

LB: E tem alguma outra festa importante aqui no bairro? Festa de São Lourenço e tem mais alguma?

CA: O pessoal faz Festa Junina aí, bota barracas aí na praça...

LB: É... então hoje no bairro... a sua relação com o bairro hoje é basicamente ligada à igreja, né?

CA: É porque na realidade [riso], aqui é tudo concentrado na igreja, né! A concentração, as coisas que são feitas em prol da própria comunidade... ela é concentrada dentro da igreja, né. Que na realidade deveria ser até a Associação, muita coisa... deveria a Associação se encarregar disso. Mas na realidade é a igreja que sempre que age as coisas aqui.

LB: Tá. Bom é isso. O senhor quer falar mais alguma coisa que a gente não tenha perguntado, que o senhor ache importante deixar registrado?

CA: Não. Que... não sei se tem importância: com relação aos trabalhos que foram feitos aqui na reforma, na restauração.

LB: Sim.

CA: Que foi feito um trabalho arqueológico aqui. E foram descobertas ali... tá ali exposto, ali no museu. São várias ossadas, são cerâmicas, tem louças, telhas, tudo o que...

JM: Isso tudo foi descoberto aqui mesmo?

CA: Não, as... Isso, aqui. Por exemplo, aquele nicho ali, ele foi descoberto; ele estava coberto. Ali na nave da igreja, onde tá o [Sagrado Coração de Jesus], aquilo ali estava... era parede e foi descoberto. Então veio uma empresa... que eles passaram um sonar e foram identificando, eles foram marcando. Aí,

depois eles foram... o pessoal da Arqueologia foi escavando. E tem muitas ossadas espalhadas pela igreja! E na parte externa é o que tem mais, principalmente na parte daqui do lado direito. Porque, antigamente, é... só poderiam ser sepultados dentro das igrejas as pessoas nobres da época: bispos, arcebispos, padres importantes, essas coisas todas. E os escravos da época, eles achavam que quem era sepultado na igreja estaria salvo. Então, como não existia iluminação, quando mo... falecia algum familiares, algum familiar deles, eles esperavam escurecer, pegavam aquela pessoa - aquele familiar que havia falecido - e sepultavam, do lado de fora da igreja. Então existem muitas ossadas! Aqui mesmo nessa sala e na sacristia, onde tem o museu ali, foi descoberto ossada também; tem caixão que foi achado. E só que... e o importante é que não foi retirado essas ossadas, não foram retiradas dali. Só foram marcadas, existe um mapeamento que tem a localização, mas elas permaneceram intactas ali. Só um crânio e algumas ossadas que foram exposto, que estão expostas ali. Mas os demais permanecem a mesma coisa. Porque a história de Niterói começa aqui na igreja, né. Niterói começa aqui. É... antigamente ali na São Lourenço, o São Lourenço tudo era mar, né. E dali pra cá era o manguezal, então os navios ficavam atracados na rua São Lourenço e vinham de bote pra cá. E aqui havia... e conta a história... pessoas antigas falam que existe mesmo - não sei, não era nem da minha época - que existe um túnel, que sai daqui, que liga lá no morro, passa até pelo altar. A pessoa que restaurou o altar, uma pessoa muito estudiosa, ela diz que isso não existe. Só que pessoas antigas dizem que existe e que já... e que na época deles... novos, eles presenciaram isso. Meu pai dizia que existia isso! Um túnel que passa aqui e [termina/culmina] lá, que era onde os índio se refugiavam; eles ficavam lá de cima, eles viam o navio que encostava na Baía de Guanabara e às vezes... É... inimigos na época - eu não sei como que eles tratavam - então eles pegavam de surpresa, porque eles desciam de lá. Isso é o que as pessoas contam, né! Eu não sei, se existe veracidade nisso. As pessoas antigas diz que existe esse túnel, né. Então, é isso... esse piso aqui, por exemplo, é da época, é original. O dali, o do altar, esses pisos são originais, porque eles são tudo torto. Mas eles iam tentar retirar todas essas lajotas, acomodar o solo, botar ele plano. Mas só que eles chegaram à conclusão que, se tentasse tirar um piso desse, ele [inaudível], ia se deteriorar todo, devido à época dele. Então toda essa pia, todos esses objetos, a pia batismal lá, é tudo original. É tudo da época! Ali tem uma... um tijolo ali... a porta era ali. Porque a igreja, ela era de [taipá], a madeira aqui de trás é [taipá]. Aí depois foi tirada e foi feita uma construção; ela foi aumentando, foi feita uma parte aqui, uma outra ali. E aí ela foi... houve um prolongamento dela. Por isso, que ela é considerada a segunda igreja mais antiga do Brasil; ela é considerada.

LB: E esse museu, então, ele foi criado a partir dessa...

CA: A parte da reforma. Isso aí foi uma coisa que eu já vinha pedindo a eles na reforma, pra que se fizesse isso. Para que as pessoas tivessem... aí existem mais objetos ainda, que está com o pessoal da Arqueologia. Mas eles pegaram o que eles achavam de mais importante... para que as pessoas pudessem apreciar, né. As telhas, se vocês olharem, as telhas, elas... cada uma tem um tamanho diferente. Porque as telhas antigamente eram feitas na coxa, né. E os escravos na época, cada um tinha uma dimensão diferente na coxa, então as telhas não são uniformes. E eles têm uma identificação; no piso também existe uma identificação. Aqui não dá pra ver, mas lá dá pra ver bastante. Existem umas marcas, tipo assim... que são identificações dos escravos. E como eles não sabiam ler nem escrever, então eles tinham uma produção a cumprir de telhas e pisos. Então eles tinham que botar a assinatura deles; era dois dedos, um dedo, conforme cada um... tinha uma [inaudível] certa.

LB: E tem muita visitação a esse museu?

CA: Ah, todas as pessoas que vêm visitar a igreja, visitam aqui. Existe um catálogo... é porque tá trancado aqui e a dona Dodora não tá aí. Existe um catálogo que é vendido pra ajudar na igreja, né; ele custa R\$5,00. Então ele tem o antes e o depois da igreja, da restauração; o antes e o depois. E até material que vocês queiram mais profundo com relação à igreja, vocês podem procurar lá no Solar do Jambeiro, porque toda a documentação daqui está lá. Pode procurar o Cláudio Valério, ou a Regina, ou a Cristiana... vocês podem até falar em meu nome, que eu pedi que procurassem eles lá.

LB: Tá ótimo.

CA: Eles têm toda a documentação, a restauração do altar da igreja, tá tudo... tem foto, tá tudo documentado. São uns três ou cinco manuais bem grossos com toda a documentação. E eles podem até se aprofundar muito mais até com relação à história da igreja. Porque teve uma pessoa que foi contratada, exatamente, pra ela levantar todo o histórico da igreja, desde a sua criação até hoje! Então existe isso lá no Solar do Jambeiro, por medida até de segurança. Tudo ficou guardado lá, está guardado até pra consulta mesmo. Acho que não vai haver problema, se vocês precisarem consultar.

LB: Tá. Tá ótimo seu Carlos. Brigado pela entrevista.

CA: Nada. Eu que agradeço a vocês, divulgarem a igreja.